

A sorte de Azarias

Regina Pires de Brito*

Camila Concato**

Pedro Panhoca da Silva***

Resumo

Este artigo tem como objetivo ilustrar possibilidades de aprendizado em sala de aula da Educação Básica a partir da leitura e análise do conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”, do escritor moçambicano Mia Couto. Para isso, serão elencadas questões culturais de Moçambique e abordagens míticas, temporais e de expressão animista. O tema relacionado à literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa foi escolhido por ser parte do projeto de pesquisa *Educação Básica e Estudos Lusófonos: A Prática da*

* Doutora e Mestre em Linguística pela FFLCH-USP, tendo realizado estágio pós-doutoral na Universidade do Minho (Portugal). Professora Adjunto III da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). É Coordenadora do DINTER (Doutorado Interinstitucional Internacional) da UPM com a Universidade Nacional de Timor-Leste. Coordenadora, ao lado de Ana Trevisan, do Colégio Doutoral Tordesilhas em Linguagens, Sociedades e Culturas. Coordenadora do Núcleo de Estudos Lusófonos do PPGI da UPM. Membro do Museu Virtual da Lusofonia (Portugal). Membro da CPCLP - Comissão para a Promoção do Conteúdo em Língua Portuguesa, da Câmara Brasileira do Livro. Membro Titular do Conselho Diretivo da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Membro da Comissão de Políticas Públicas da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística).

** Doutora e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM (2022). Professora do curso Língua Portuguesa e Literatura do Lato Sensu do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM, Corretora de redação do Colégio Bandeirantes. É membro dos grupos de pesquisa: “NARRARE: Formação docente e narrativas”, coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Furlin e “Cultura e identidade linguística na lusofonia - CILL”, coordenado pela Profa Dra Regina Helena Pires de Brito. É membro do corpo editorial da Editora Conhecimento Livre.

*** Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Assis (2008), Especialização em Ensino de Português, Literatura e Redação pelo Centro Educacional Claretiano (CEUCLAR) (2009), Mestrado pela UNESP/Assis e Doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor do Centro Paula Souza (FATEC - Tatui FATEC - Ipiranga). É membro dos grupos de pesquisa “Poéticas da negatividade” - coordenado pelo Prof. Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos e “Cultura e identidade linguística na lusofonia - CILL”, coordenado pela Profa Dra Regina Helena Pires de Brito. Participa do Conselho editorial da editora Atena, Pantanal editora, editora Peixe azul e editora Conhecimento livre.

Literatura Africana de Língua Portuguesa no Ensino Médio (financiado pelo Fundo Mackpesquisa).

Palavras-chaves: Mabata-bata; Mia Couto; Educação Básica; Estudos lusófonos; Tempo sagrado

The fate of Azarias

Abstract

This paper aims to illustrate learning possibilities in the classroom of Basic Education from the reading and analysis of the story “O dia em que explodiu Mabata-bata”, by the Mozambican writer Mia Couto. To this end, it will be listed cultural issues of Mozambique and approaches mythical, temporal and animistic expression. The theme related to the literature of the African countries whose official language is Portuguese was chosen because it is part of the research project *Basic Education and Lusophone Studies: The Practice of African Literature in Portuguese Language in Highschool.*

Keywords: Mabata-bata; Mia Couto; Basic education; Lusophone studies; Sacred time

La suerte de Azarias

Resumén

Este trabajo pretende ilustrar las posibilidades de aprendizaje en el aula de Educación Básica a partir de la lectura y análisis del cuento “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de el escritor mozambiqueño Mia Couto. Para ello, se enumerarán temas culturales de Mozambique y se abordará la expresión mítica, temporal y animista. El tema relacionado con la literatura de los países africanos cuya lengua oficial es el portugués fue elegido porque forma parte del proyecto de investigación *Educación Básica y Estudios Lusófonos: La práctica de la literatura africana en lengua portuguesa en la escuela secundaria.*

Palabras-claves: Mabata-bata; Mia Couto; Educación básica; Estudios lusófonos; Tiempo sagrado-

Considerações iniciais

Que floresça o encantamento
que frutifique a palavra
que os horizontes se alarguem
(Maria do Carmo Sepúlveda)

Este artigo é um recorte do projeto de pesquisa *Educação Básica e Estudos Lusófonos: A Prática da Literatura Africana de Língua Portuguesa no Ensino Médio*, uma proposta do GP-CNPq Cultura e Identidade Linguística na Lusofonia, grupo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, financiado pelo Fundo Mackpesquisa. De modo geral, esse projeto tem por base promover experiências de leitura literária, seus desdobramentos interpretativos e conhecimento cultural a partir do acesso a obras de autoria africana dos países lusófonos, isto é, de língua oficial portuguesa. Além disso, trabalhar com os textos literários lusófonos ressalta a importância aos propósitos da indicação do Conselho Nacional de Educação/CP 06/2002 e à alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* na Educação Básica. As perspectivas possíveis permitem estudos do ponto de vista linguístico, cultural, histórico, educacional e, também, do ponto de vista literário propriamente dito.

Assim, tratar do ensino de língua e de literatura significa, também, assumir o conhecimento da cultura na qual se insere e que, numa relação dicotômica, acaba por representar. A indivisibilidade da prática linguística e da cultural evidencia a conexão deste projeto com os Estudos Culturais, reconhecendo a cultura como uma categoria aberta e transitória, como um conjunto de significados e práticas disponíveis ao entendimento e investigação, exatamente por envolver todas as maneiras de ser, sentir, pensar e agir, conduz à formulação de cultura como modo de vida, prática social, produção cultural, como sistema de significações. Desse modo, a cultura,

não deve ser vista apenas como ‘um modo de vida’, mas sim como “um completo modo de vida de um povo, desde o nascimento até a morte, de manhã à noite, até mesmo durante o sonho” (ELIOT, 1948, p. 31). Nota-se, portanto, mais uma justificativa para exercitar a leitura de textos de outros países que utilizam a língua portuguesa, já que o conhecimento cultural instrumentaliza a compreensão de mundo da mesma forma que o estudo das variações linguísticas evita o isolamento expressivo.

Ainda sobre o projeto, destaca-se a preferência pelo trabalho com textos mais curtos, como poesia e conto, visto que são mais aplicáveis com relação à demanda de tempo dentro do espaço pedagógico de ensino-aprendizagem. Especificamente sobre o gênero conto, segundo Ernani Terra e Jessica Pacheco:

Por ser uma narrativa condensada, é possível lê-lo em pouco tempo, o que se pode fazer na própria sala de aula, ou, como diria Poe, é possível ler o conto numa “assentada”, sobrando tempo para que se possa efetuar uma discussão sobre o que foi lido e compartilhar experiências de leitura. (2017, p. 10).

Nesse contorno, para este artigo, escolheu-se desenvolver a análise de um dos contos elencados na proposta: “O dia em que explodiu Mabata-bata”. O texto faz parte do livro *Vozes anoitecidas* (1987), do escritor moçambicano Mia Couto, cuja obra literária é premiada e amplamente traduzida para diversos países. A importância de divulgar sua escrita é que por meio dela se conhece todo um contexto de significações histórico-culturais de Moçambique e, de modo geral, da África subsaariana que sofreu com a colonização e seu desdobramento: “A ficção miacoutiana chama a atenção para as contradições internas e externas que afetam o seu país.” (SECCO, 2000, p. 274). Além disso, dono de uma prosa poética que toca o ser humano independentemente de cultura específica, suas histórias são contações em que “[...]o narrador e as personagens espiam tanto para as profundezas do inconsciente coletivo de Moçambique,

como para a interioridade da alma humana, despertando sensibilidades e emoções adormecidas [...]. (SECCO, 2000, p. 272).

O Tempo de Azarias

– Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo,
a partir daqui, são eternidades.
(Mia Couto, “Nas águas do tempo”)

Assim como todas as histórias de *Vozes anoitecidas*, “O dia em que explodiu Mabata-bata” trata dos viventes de uma terra devastada pela Guerra Civil e do sujeito em seu cotidiano, ou seja, das vozes emudecidas pela invisibilidade daqueles que foram excluídos do discurso oficial e ficaram à margem do movimento da independência do país. A guerra civil moçambicana foi um momento de grande violência no país, tempo em que a população conviveu com crueldade, fome, desolação, destruição e abandono por parte das autoridades. Desse modo, a ficção de Mia reflete e refrata a realidade. Paul Ricoeur, filósofo francês, explicita sobre o “tempo humano”, uma expressão que retrata a “sobreposição recíproca” da história e da ficção:

[...] o *entrecruzamento* entre a história e a ficção na refiguração do tempo se baseia, em última análise, nessa sobreposição recíproca, quando o momento quase histórico da ficção troca de lugar com o momento quase fictício da história. Desse entrecruzamento, dessa sobreposição recíproca, dessa troca de lugares procede o que se convencionou chamar de *tempo humano*, em que se conjugam a representância do passado pela história e as variações imaginativas da ficção [...]. (RICOEUR, 1997, p. 332, grifo do autor)

O autor, vestindo o narrador com o *ethos* de um *griot*¹, conta histórias e coloca em evidência a substância que arrima a nação

¹ “[...] *Griot* – palavra francesa que corresponde à tradução de *Djéli*, de origem africana. Em África, o *Griot* tem o ofício de contador de histórias, que trabalha para valorizar a oralidade e preservar a história e cultura de seu povo.” (CONCATO, 2018, p. 17)

moçambicana, o cidadão comum, e isso se faz diante de um cenário histórico. Essas narrativas são marcadas, muitas vezes, pela recorrência ao fantástico na tentativa de retratar uma forma pela qual as personagens vivem o real. Ficção e realidade se sobrepõem para evidenciar o tempo humano conceituado por Ricoeur. Diante disso, pode-se dizer que a criação literária de Mia Couto é permeada pela força do imaginário, um universo que abrange tradições autóctones, oralidade e uma composição animista, denominada no gênero literário como realismo animista.

Sob esse viés, concebe-se que realismo animista advém de uma vertente em que se consagram preceitos culturais de tradição africana. Inscrito na matéria ficcional dessa cultura, ele configura a realidade que estrutura a narrativa, dando um aspecto concreto a ideias abstratas e uma dimensão espiritual a objetos materiais. Essa técnica representacional figura como explicação de um quadro axiológico que compreende cultura e processo histórico. Harry Garuba, em seu ensaio *Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana* (2012), explicita que a cultura animista possibilita um constante reencantamento do mundo. Para isso, o real e o imaginário se condensam, uma vez que o imaginário se concebe real por um sopro de vida que “anima” objetos e ideias, ocorrendo, assim, a reatualização do presente, ou seja, um novo encantamento que resulta da simbiose do tempo sagrado com o tempo profano. Na situação do conto escolhido, é principalmente a ideia de morte que é animada com a possibilidade de vida. Um exemplo ocorre quando ao final do enredo o fogo, um dos quatro elementos primordiais da natureza, ilumina a jornada anoitecida do protagonista: “De súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite.” (COUTO, 2013, p. 16), e este, no abraço cíclico de uma tradição que não é finita, mas contínua num mundo em que mortos convivem vivos em lembranças ritualísticas e são semeados como antepassados para renascerem na ancestralidade, vê na ave ndlátí² a viagem do renascimento: “E antes que a ave do fogo

² Em ronga, língua originária de Moçambique, *ndlátí* significa ave que produz relâmpagos.

se decidisse Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama.” (COUTO, 2013, p. 16). O olhar desvia-se do concreto, neste caso da mina que explode quando o personagem corre por cima dela, à concretude sagrada originária de tudo que vive – ao evento da morte como salvação, “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.” (ELIADE, 2010, p. 17). Na historicidade viva de um mundo devastado pela guerra civil, ocorre a transmissão do evento, do ato primordial, que advém animicamente através dos elementos insólitos – que são incomuns – caracterizando como ferramenta de transposição o realismo animista.

Com relação aos tempos que se unem, Eliade pontua que há dois tipos de Tempo, o sagrado e o profano. O Tempo profano é aquele em que vivemos em sequência, ordinário e irreversível, é o acontecimento presente e histórico isentos de mitificação. Já o Tempo sagrado é o retorno de um tempo mítico primordial da criação da existência dentro do Tempo profano por meio de uma atividade ritualística. Na narrativa do *corpus*, essa atividade é a comparação de duas visões dentro de um mesmo cenário, fazendo da compreensão de Azarias – personagem principal, o retorno a esse Tempo sagrado, reavendo o Tempo mítico da tradição. Em “O dia em que explodiu Mabata-bata”, o imaginário mítico sustenta o propósito da história e o real torna-se base como acontecimento histórico que engatilha a reflexão. Em outras palavras, é o tempo sagrado (imaginário) acontecendo dentro do tempo profano (sequencial). A comparação das diferentes visões de mundo se dá mediante duas perspectivas que correm paralelas até a cena final: a do menino, com a versão mítica que liga os acontecimentos à ave ndláti; e a versão dos adultos, que, munidos da desilusão da realidade, entendem que minas explodem. Nessa acepção, é o realismo animista, unindo real e imaginário, que promove o sentido.

Dentro de um enredo, existem dois planos interdependentes:

o **plano do conteúdo**, que corresponde ao sentido, e o **plano da expressão**, que manifesta o sentido por meio de uma linguagem qualquer. A

separação que fazemos entre expressão e conteúdo é meramente metodológica, pois um plano não existe sem o outro. (TERRA; PACHECO, 2017, p. 18, grifo dos autores).

Dessa forma, entende-se que o sentido que o caráter anímista viabiliza não aconteceria se não pudesse ser expresso pelo imaginário, que, por sua vez, não seria incitado se o empírico cotidiano do *corpus* não fosse a orfandade deixada pela guerra. O desamparo é parte do tema do conto porque narra-se a estória de um garoto órfão – Azarias, que vive sob a tutela de seu tio Raul desde a morte dos pais, decorrente da situação de guerra. Sendo assim, depreende-se que as duas perspectivas da história funcionam como os dois planos interdependentes do texto, uma não existe sem a outra. Ademais, a união das duas partes permite que a narrativa seja ferramenta de denúncia, visto que, segundo Carmem Lucia Tindó Secco, Fernanda Angius, estudiosa da poética de Mia Couto, classifica *Vozes anoitecidas* como obra ficcional localizada na fase do escritor “das narrativas dos tempos da guerra de desestabilização” (2000, p. 281). Entende-se que os relatos dessa fase carregam um sentimento de incerteza com relação ao futuro do país enquanto demonstram o desânimo identitário; nada mais é estável e conhecido, a fonte de saberes foi maculada pela ganância e pelo desacordo entre irmãos de terra. Isso é retratado no conto quando a avó de Azarias, ao convencê-lo de voltar para casa e vendo que seu filho, o tio, fica satisfeito de os bois estarem seguros por conta da iniciativa do menino, fica ingenuamente feliz: “A avó sorria pensando no fim das brigas daqueles os dois” (COUTO, 2013, p. 15). Esse tio explora Azarias, fazendo com que cuide do rebanho durante todo o dia e naquele momento apenas se faz de bom para que o menino venha até eles: “Raul achou melhor concordar com tudo, naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam as obrigações do serviço das pastagens.” (COUTO, 2013, p. 16). A ganância e o desacordo imperam nos “tempos da guerra de desestabilização”.

Na mistura dos pontos de vista da narrativa, o conto corre por duas vertentes que misturam o mundo da dura realidade com o

mundo do fantástico. Vê-se que a primeira frase do livro estabelece o cenário real com um corte seco e cirúrgico: “De repente, o boi explodiu.” (COUTO, 2013, p. 11). Diante disso, ocorre o estranhamento do garoto, pois não entendia como o maior boi da manada desintegrara-se no ar, “Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada.” (COUTO, 2013, p. 11). De súbito pensa: “*Deve ser foi um relâmpago*” (p. 11, grifo do autor). Aqui, vale ressaltar que frequentemente as histórias de Mía Couto usam a formatação itálica para a reflexão das personagens. É, então, nessa condição que o tempo sagrado transforma o acontecimento presente e renova significados. Descolado da situação de guerra, Azarias preenche seu estado de ser com elementos de tradição mítica:

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destaca quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. (COUTO, 2013, p. 11-12)

O elemento fabuloso é trabalhado para conceber o real e usado como uma forma de salvação para o menino, uma “proteção” desse real absolutamente incompreensível e brutal. Para ele, a única explicação não condiz com a realidade, mas com a aplicação do conhecimento animista em que foi concebido e formado, pois não há sentido em minas plantadas no chão, mas em sementes incendiadas pela força do relâmpago da ave que vem buscar os seres da terra iluminando-os para todo o sempre com a chama da vida concebida na morte. Portanto, Azarias é convicto em sua visão mítica de que o boi Mabata-bata foi abraçado pela queda direcionada do ndlátí e levado para o tempo da eternidade. Sobre esse abraço da ave-relâmpago, pode-se interpretar que se trata do do momento em que há o advento do mito sacralizando com a morte o Tempo profano da vida. Quanto à queda do ndlátí no ponto exato do alvo, Gaston Bachelard, em seu *Ensaio sobre a imaginação do movimento*,

propõe que “[...] tonalizada moralmente, a queda já não pertence à ordem do acidente, mas à ordem da substância.” (2001, p. 93). Isso denota que o plano do conteúdo do texto, ao se reatualizar no tempo profano, é expresso pela “linguagem” da queda. O filósofo também pontua em seu ensaio que “Toda imagem deve enriquecer-se de metáforas para dar vida à imaginação.” (BACHELARD, 2001, p. 93). Dessa forma, a vida em explosão de fogo, no imaginário como pilar da narrativa, não é a morte executada pela mina terrestre de guerra, mas a metáfora da libertação.

Mia Couto, em sua produção escrita, é adepto das relações metafóricas que substanciam significados, principalmente as que transformam o tempo presente – histórico – de devastação em tempo mítico de resgate das tradições e de autoconhecimento como libertação. Um exemplo disso ocorre em seu romance de estreia *Terra sonâmbula* (1992). O tempo histórico do enredo (16 anos de guerra civil) é uma espécie de maldição, porém o tempo de busca que é desperto pelo plano de conteúdo do texto é possibilidade de autoconhecimento. O excerto abaixo demonstra esse processo:

Comentei sobre a eternidade que demorava a guerra. Assane discordou: – *Nem isso guerra nenbuma não é. Isto é alguma coisa que ainda não tem nome.* Se explicou: antes fosse uma guerra a sério. Se assim fosse teria feito crescer o exército. Mas uma guerra-fantasma faz crescer um exército-fantasma, salteado, desnorteado, temido por todos e mandado por ninguém. E nós próprios, indiscriminadas vítimas, nos íamos convertendo em fantasmas. (COUTO, 2007, p. 111, grifo do autor)

O personagem diz que essa guerra é uma coisa sem nome, sem sentido, pois a guerra é ação que se faz por uma causa. O tempo presente do ex-administrador Assane desperta um afeto de memória relativo a um saber de luta explicável (conteúdo), o contrário do que está acontecendo no tempo presente em Moçambique. Por isso chama a todos os envolvidos de fantasmas. Fantasmas vagueiam sem objetivo e sem sentido, perdidos em um mundo que não lhes pertence mais. A reflexão no excerto só foi possível mediante a sensação ruim do presente e o afeto pré-existente de um saber.

As dicotomias metáfora e real, conteúdo e linguagem, tempo sagrado e tempo profano, realidade e imaginação são propícias a despertar reflexões nos alunos de Ensino Básico por utilizarem o processo de alteridade como experiência. O discente precisa deslocar-se em sua interpretação e ultrapassar a camada rasa perceptível da leitura. Esse exercício permite que ocorra a apropriação de saberes que, se não estudados em sala de aula, talvez nunca fossem estímulo e repertório.

No conto, com medo de ser punido pelo tio por causa de Mabata-bata, Azarias foge e se esconde no rio. Essa decisão veio à tona ao perceber que só os maus-tratos do tio lhe sentiriam a falta: “Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois.” (COUTO, 2013, p. 12). Enquanto isso, preocupado com seus bois, após ter sido avisado por soldados sobre a explosão de uma mina que tinha matado uma peça de seu rebanho, o tio do menino sai a sua procura e é seguido, contra a sua vontade, pela avó Carolina. Este pequeno resumo já traz conhecimentos intrínsecos de outra cultura que podem ser amplamente destrinchados, como a figura da avó representando a sabedoria ancestral e soldados avisando a respeito de uma mina. Na teoria mimética de Paul Ricoeur, na qual os textos ficcionais são divididos em três estágios (*mimesis I*, *mimesis II* e *mimesis III*), esse aspecto constitutivo de saberes se encontra na figuração do texto. É na figuração, denominada *mimesis I*, que os elementos culturais, geográficos e temporais são previamente pactuados. À vista disso, infere-se que a partir do arcabouço de tradições e saberes de um país são construídas histórias que não se limitam ao deleite da leitura, sendo, também, matéria de despertares e de repertório cultural. O exemplo da menção à mina terrestre é propósito para a discussão a respeito das guerras da independência e civil que assolaram Moçambique. Pode-se, inclusive, debater política e colonização portuguesa em África a partir disso, algo que abarca a interdisciplinaridade com as disciplinas de história e geografia. Quanto à avó Carolina, é praticável discutir-se

ancestralidade, papel dos idosos no país, relação afetiva de ligações autóctones, todo um conteúdo específico de uma determinada região que difere da realidade dos alunos de Ensino Médio. No conto de Mia, a avó do garoto é peça chave para a decisão do garoto de não mais fugir: “– *Anda, meu filho, só vens comigo. Não tens culpa do boi que morreu.*” (COUTO, 2013, p. 15, grifo do autor). O garoto atende aos chamados afetivos de sua avó, porém somente após a falsa promessa de seu tio de que ele poderia frequentar a escola no ano vindouro: “– *Fala lá seu pedido. / – Tio: próximo ano posso ir na escola?*” (COUTO, 2013, p. 16, grifo do autor). Para ter seus bois de volta, Raul se prontifica, falsamente, a atender esse desejo do órfão. Azarias queria estudar, no entanto ao se tornar órfão de guerra, só teve como opção o trabalho como pastor de bois que seu tio tutor o obrigava a fazer, “Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho.” (COUTO, 2013, p. 12).

Com a resposta afirmativa do tio, o menino segue feliz ao encontro de seus parentes, porém, correndo pelo areal do rio, pisa numa mina e explode como o boi Mabata-bata. Nesse momento, crê estar sendo levado, nas asas do ndláti, para sua morada na montanha. O tempo profano da explosão, do acontecimento ordinário, se fez sagrado no abraço que Azarias deu em ndláti: “Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama.” (COUTO, 2013, p. 16).

Considerações finais

A produção literária da época em que *Vozes anoitecidas* foi publicado reflete todo o mal-estar gerado pela decepção com o novo regime e os escritores se sentem impelidos a abrirem as portas de seus textos para que entrem todos aqueles que foram esquecidos após a libertação do país.

É com base em tal lógica que o conto “O dia em que explodiu Mabata-bata” versa a respeito de um menino órfão de guerra, de relações de autoridade que priorizam o acúmulo monetário ao invés do acolhimento e de relações afetivas que a ancestralidade permite mesmo em meio à devastação.

Referências tão intensas de uma nação específica são possibilidades de ensino-aprendizagem que oportunizam a troca de saberes. O projeto de pesquisa *Educação Básica e Estudos Lusófonos: A Prática da Literatura Africana de Língua Portuguesa no Ensino Médio*, ao qual o conto de Mia Couto figura como parte do *corpus*, tem como objetivo o desdobramento dessa troca. Para isso, o incentivo à leitura de autoria africana deve ser rotina nas escolas de Ensino básico, não apenas para cumprir a lei, mas como substrato de conhecimento de culturas e tradições.

Referências

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra: histórias de Mia Couto**. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ELIOT, T.S. **Notes towards the Definition of Culture**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.

GARUBA, Harry. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução Elisângela da Silva Tarouco. In: **Nonada** Letras em Revista. v.2. n.19. 2012. Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/610/396>. Acesso em 13/06/2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: Tomo I. A intriga e a narrativa histórica. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: Tomo II. A configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução Marcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: Tomo III. O tempo narrado. Tradução Maria Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Mia Couto e a “Incurável Doença de Sonhar”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Orgs). **África & Brasil**: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000, p. 261-286.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. Duarte: Vera poesia multifacetada no espelho cabo-verdiano. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Orgs). **África & Brasil**: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000, p. 346.